

6 A traicã " "

O BOI VELHO

RUBEM BRAGA

UMA das coisas mais ingênuas e comoventes da vida do Barão do Rio Branco era o seu sonho de fazendeiro. Homem nascido e vivido em cidade, traça de biblioteca, urbano até a medula, cada vez que uma coisa o aborrecia em meio às suas batalhas diplomáticas, seu desabafo era o mesmo, em carta a algum amigo: «Penso em largar tudo, ir para S. Paulo, comprar uma fazenda de café, me meter lá para o resto da vida...»

Nunca foi, naturalmente; mas viveu muito à custa desse sonho infantil, que era um consólo permanente.

Por que não confessar que ainda há pouco, neste último carnaval, visitando a fazenda de um amigo, eu, pela décima vez, também me deixei sonhar o mesmo sonho? Com fazenda não, isso não sonhei; os pobres têm o sonho curto; sonhei com o mesmo que sonham todos os oficiais administrativos, todos os pilotos da aviação comercial, todos os desenhistas de publicidade, todos os bichos urbanos mais ou menos pobres, mais ou menos remediados: pegar um dinheirinho, comprar um sítio jeitoso, ir melhorando a casa e a lavoura, vai ver que no primeiro ano dava para se pagar, depois, quem sabe, daria uma renda modesta, mas suficiente para uma pessoa viver sossegada; com o tempo comprar, talvez, mais uns alqueires...

Meu pai foi, durante algum tempo, sitiante; minha mãe era filha de fazendeiro; meus tios eram todos da lavoura. Mas que brasileiro não é mais ou menos assim, não guarda alguma coisa da roça e não tem a melancólica fantasia, de vez em quando, de voltar?

Aqui estou eu, falso fazendeiro, montado no meu cavalo, a olhar minhas terras. Chego até o curral, o retiro está ordenhando as vacas. Suas mãos hábeis fazem cruzar-se dois jatos finos de leite que se perdem na espuma alva do balde. Parece tão fácil, sei que não é. Deixo-me ficar entre os mugidos e o cheiro de estrume; assisto à primeira aula de um bozinho que estão experimentando para ver se é bom de carro. Seu professor não é o carreiro que vai tocando as juntas nem o pretinho candeiro que vai na frente com a vara: é um outro boi, da guia, que suporta com paciência suas malcriações, obriga-o a levantar-se quando se deita na pirraça, arrasta-o quando é preciso, não deixa que ele desgarrre, ensina-lhe ordem e paciência.

No coice há um boi amarelo que me parece mais bonito que os outros. O carreiro explica que aquele é seu melhor boi de carro, mas tem inimizade àquele zebu branco vindo de Montes Claros, seu companheiro de canga; implica aliás com todos esses bois brancos vindos de Montes Claros. O caboclo sabe o nome, o sestro, as simpatias e os problemas de cada boi, sabe agrader a cada um com uma palavra especial de carinho, sabe ameaçar um teimoso — «Mando te vender para o corte, desgraçado!» — com seriedade e segurança.

Ah, não dou para fazendeiro; sinto-me um boi velho, qualquer dia um nôvo diretor de jornal ou revista acha que já vou arrastando devagar demais o carro de boi de minha crônica, imagina se minhas arrôbas já não valem mais que meu serviço, manda-me vender para o corte...

25 9-66

M 413 M 619

Redis 16.4.64

DA-269.66

DN-11A80 67

163